



UNIVERSIDADE FRANCISCANA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

GABRIEL PEREIRA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL POR MEIO DA
OBRA *O TEMPO E O VENTO* (1893-1923): REFLEXÕES ENTRE
LITERATURA E HISTÓRIA**

SANTA MARIA – RS

2020

GABRIEL PEREIRA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL POR MEIO DA
OBRA *O TEMPO E O VENTO* (1893-1923): REFLEXÕES ENTRE
LITERATURA E HISTÓRIA**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de História – Área de Ciências Humanas, da Universidade Franciscana – UFN, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

ORIENTADORA: Me. Roselaine Casanova Corrêa

SANTA MARIA – RS

2020

GABRIEL PEREIRA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL POR MEIO DA
OBRA *O TEMPO E O VENTO* (1893-1923): REFLEXÕES ENTRE HISTÓRIA
E LITERATURA**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado
ao Curso de História – Área de Ciências Humanas,
da Universidade Franciscana – UFN, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em História.

Me. Roselaine Casanova Corrêa (Orientadora) (UFN)

Me. Alexandre Maccari Ferreira (UFSM)

Dra. Elaine dos Santos (ULBRA)

RESUMO

Esta pesquisa buscou evidenciar a conexão possível entre História e Literatura na obra *O tempo e o vento*, do escritor sul-rio-grandense Erico Verissimo. Em sua totalidade, a obra desperta muitas possibilidades de abordagem, destacando-se como uma fonte interdisciplinar e dotada de capacidade de atualização e revitalização. A partir do recorte sul-rio-grandense entre a Revolução Federalista (1893-1895) e a Revolução de 1923, pode-se refletir sobre os rumos tomados pela política do estado (Rio Grande do Sul) sob o ideário positivista do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e seus líderes, imersa em um universo ficcional criado pelo escritor e condizente com o cenário traçado pelo processo histórico. O diálogo entre a História e a Literatura possibilitou compreender a atuação histórica do PRR e de suas lideranças, bem como as relações provenientes das diferentes gerações de republicanos, a consolidação e o gradual enfraquecimento desse partido político no período pesquisado.

PALAVRAS-CHAVE: História; Literatura; *O tempo e o vento*; Geração de 1907.

ABSTRACT

This research seek to highlight the possible connection between History and Literature through Erico Verissimo's novel "O tempo e o vento". In it's totality, the novel arouse many approach possibilities, highlighting itself as an interdisciplinary source gifted with updating and revitalization capacity. Starting with the sul-rio-grandense time cut between the Federalist Revolution (1893-1895) and the 1923's Revolution, allow us to reflect about the paths taken by the State politics (Rio Grande do Sul) under the Rio-grandense Republican Party (PRR) positivist ideal and its leaders, immersed in a fictional universe created by the writer and befitting the scenario traced through the historical process. The dialogue between History and Literature allowed us to comprehend PRR's historical acting and of its leaderships, as well as the relations coming from republican's generations, its consolidation and the gradual weakening of this political party during the time researched.

KEY- WORDS: History; Literature; *O tempo e o vento*; 1907's Generation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. HISTÓRIA E LITERATURA: ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS	8
2.1 O romance histórico de Erico Verissimo	12
3. O CONTINENTE DE CASTILHOS E CAMBARÁ: A CONSOLIDAÇÃO DO POSITIVISMO NO ESTADO	15
3.1 Em meio a liberais e republicanos: os últimos suspiros da Monarquia ...	17
3.2 O pensamento de Comte ecoa no PRR	18
3.3 Na cabeça, o chapéu com o leiteiro: VIVA O DR. JÚLIO DE CASTILHOS!	21
4. DOUTOR RODRIGO CAMBARÁ E A “GERAÇÃO DE 1907”	24
4.1 A ditadura científica e a democracia, os contrapontos do PRR	25
4.2 Trajetórias históricas e literárias.....	27
5. AS TENSÕES NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO DE 1923	33
5.1 O cinamomo e a corticeira	35
5.2 Nas coxilhas de Santa Fé e nas páginas da História: a Revolução de 1923	39
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	42
BIBLIOGRAFIA	45
FONTES ELETRÔNICAS	47
ANEXO 1	48

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – DIÁLOGO MULTIDISCIPLINAR.	12
IMAGEM 2 – MAPA DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO.	16
IMAGEM 3 – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA TERRA CAMBARÁ.....	30

1. INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo da historiografia, o diálogo entre História e Literatura é cada vez mais recorrente, bem como a associação com outras disciplinas, tais como a Geografia, a Economia, a Sociologia, a Psicologia, e tantas outras. A partir da supressão das tradicionais formas de narrativas Positivista e Historicista, o movimento dos *Annales*¹ encaminhou uma mudança de perspectivas na historiografia que culminou em um movimento com diversos elementos de análise.

Ao situarmos a Literatura no contexto histórico em que é produzida, impreterivelmente a dispomos como um documento a serviço da História. Neste sentido, nos distanciamos da vertente que associa unicamente a História com a busca da verdade e a Literatura como fruto da imaginação². A análise da obra literária *O tempo e o vento* (1949-1962) como documento histórico permite relacionar a História com a Literatura, de modo com que uma potencialize a outra. Para além desse elemento geral, convém destacar as reflexões em torno da atuação histórica do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e a atuação de personagens históricos, bem como suas reminiscências no universo literário (Anexo 1).

De acordo com Santos (2000, p. 114), “a partir do recorte sul-riograndense [Erico Verissimo] monta um processo integrativo que [...] dialoga com as grandes questões do século, não apenas em relação ao Brasil, mas à própria sociedade ocidental”. O recorte desta pesquisa leva em consideração a Revolução Federalista (1893-1895) e a Revolução de 1923 como limites para compreender a atuação do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) no Rio Grande do Sul e justifica-se como uma forma de abranger, ainda que não em

¹ Esse movimento pode ser dividido em três fases, sendo a primeira delas (1920-1945) marcada pela atuação de Lucien Febvre e Marc Bloch conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional. Ao término da Segunda Guerra Mundial, a segunda fase foi marcada por novos métodos de pesquisa e conceitos e, por volta de 1968, emergiu a terceira fase marcada pela fragmentação e pelo trânsito nos campos socioeconômicos e socioculturais, bem como novas reflexões acerca da História política e da própria narrativa (BURKE, 2010).

² A partir dos anos sessenta do século XX, houve um crescente número de publicações de textos e livros relacionados à escrita da História e suas diferenças com relação ao texto literário (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Segundo o próprio historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p. 44), “autores como Michel de Certeau e Hayden White estarão no centro de uma polêmica que envolve aqueles que defendem, em nome do realismo e do verismo, que deveriam presidir o texto do historiador, sua total separação da literatura”.

sua totalidade, os três livros que compõem a obra *O tempo e o vento* (*O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*).

Dessa forma, ampliam-se as possibilidades de abordagem dos elementos pertencentes ao universo literário, evidenciando o complemento que uma narrativa compete a outra. Ainda assim, tal pesquisa provoca novas reflexões sobre o panorama político que compreende a delimitação do tema e corrobora para o seu caráter multidisciplinar. No contexto literário, a família Terra Cambará aproxima-se do PRR contribuindo para sua consolidação e crise, uma vez que ilustra, em um primeiro momento, os anseios relacionados à consolidação do sistema republicano e, posteriormente, o descontentamento frente à política adotada pelo PRR na figura de Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Neste sentido, o personagem Licurgo Cambará representa os republicanos históricos do período, lutando pela estabilização do sistema republicano e do PRR em nível local. Seu filho Rodrigo, por sua vez, representa a segunda geração desses políticos, herdeiro das relações políticas de seus pares. Os eventos relacionados à campanha política de 1906/07 serão levados em consideração conforme o escritor Erico Verissimo apresenta a trajetória do doutor Rodrigo Cambará, imerso no espaço da capital do Rio Grande do Sul no período das eleições.

A divisão do texto foi feita em quatro partes, assim distribuídas: a primeira unidade situa os limites entre as narrativas históricas e literárias e busca superar essas fronteiras por meio da obra de historiadores como Sandra Pesavento (2000) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), ao mesmo tempo em que busca aporte teórico nas reflexões de Regina Zilberman (1992; 1998) com relação aos propósitos de Erico Verissimo ao escrever sua representação da História do Rio Grande do Sul. Este capítulo intitula-se *História e Literatura: entre narrativas históricas e literárias*.

O segundo capítulo, denominado *O Continente de Castilhos e Cambará: a consolidação do Positivismo no estado* busca traçar um panorama do Positivismo de Augusto Comte, adaptado por Júlio de Castilhos, e dos rumos tomados pelo Rio Grande do Sul na passagem da Monarquia para a República,

culminando na consolidação do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e de seus correligionários, ao término da Revolução Federalista (1895). Sandra Pesavento (1983) e Margaret Bakos (2006) serviram como base para as reflexões sobre o contexto histórico.

A terceira unidade leva em consideração a atuação de membros da chamada “geração de 1907”, em conformidade com a dissertação de mestrado do historiador Luiz Alberto Grijó (1998). Dessa maneira, insere o fictício doutor Rodrigo Terra Cambará como membro da segunda geração de republicanos, descendente de uma posição social elevada e herdeiro das influências políticas de seu pai, no seio do PRR. Gradualmente, a atuação de Antônio Augusto Borges de Medeiros à frente da situação do estado faz com que os Terra Cambará, representação literária de republicanos históricos, rompam com o PRR e aglutinem-se na oposição.

Finalmente, *As tensões no contexto da Revolução de 1923*, último capítulo deste diálogo entre História e Literatura, faz uma análise da conjuntura anterior às eleições de 1922 e da Revolução de 1923, partindo da definição literária sobre alguns dos personagens históricos do período, tais como Borges de Medeiros (cinamomo) e Joaquim Francisco de Assis Brasil (corticeira). Os historiadores Mário Maestri (2010) e Jonas Balbinot (2010) serviram como suporte historiográfico para a discussão.

2. HISTÓRIA E LITERATURA: ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seus ensaios sobre teoria da História, presentes no livro *História: a arte de inventar o passado* (2007), aponta para a relação da História com a Literatura por meio do tempo e sobre como os debates em torno desses elementos têm sido mais frequentes com relação aos seus limites e suas fronteiras. Para tanto, propõe uma reflexão que vise articulá-las, ou seja, pensar uma com a outra de modo que a História seja potencializada pela Literatura e vice-versa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Em consonância com a reflexão que propõe, o próprio autor instiga o pensamento entre História e Literatura como uma questão de gênero, contrapondo-os com uma sociedade patriarcal, onde:

A História, como o masculino, como o seu poder, como o *tempo* [grifo nosso], seria o que permanece; a Literatura, como o feminino, seria o que se substitui permanentemente, buscando habitar, ser nas brechas, nas fendas desta dominação secular, frinchas por onde o *vento* [grifo nosso] entra e a revolta pode se expressar, a raiva e o grito podem se manifestar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 49).

De certo modo, a referência do historiador vai ao encontro da ambiciosa proposta do escritor, como demonstra Zilberman (1998, p. 154) com relação a Erico Verissimo³ e a obra *O tempo e o vento*, publicada originalmente entre os anos de 1949 e 1962:

Seu foco original era a representação da história do Rio Grande do Sul, o que realizou não apenas pela tradução, no sentido ficcional, dos eventos políticos vividos pela região, mas através do estabelecimento da relação da formação da sociedade sulina com a ideologia dominante e a história oficial.

Com relação a essas contradições históricas, Gonzaga (1998, p. 225) observa que “o romancista não apenas celebrou a aristocracia do pampa em sua obra-prima. Elogio e crítica alternam-se”. Essas questões são percebidas no exercício da leitura de sua obra, além de aspectos relacionados à vida privada e ao papel de protagonismo que o elemento feminino assume, tanto no cotidiano como em tempos bélicos. Assim – como fora nas passagens do século XVIII para o século XIX com a personagem Ana Terra – agora durante o cerco maragato⁴ ao sobrado da família Cambará, nos eventos narrados durante os instantes finais da Revolução Federalista⁵, cabe à figura de Maria Valéria Terra questionar as tomadas de decisão do elemento masculino e ponderar sobre a situação em que todos se encontram:

- Acho que a criança vai nascer esta madrugada – murmura Maria Valéria.

Fica ali imóvel, muito alta e tesa, enrolada num xale escuro, com as mãos trançadas sobre o estômago. Por alguns instantes, Licurgo permanece calado. Nada mais pode dizer senão repetir o que vem

³ Erico Verissimo nasceu em 1905, filho de uma família tradicional de estancieiros de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a qual enfrentou dificuldades no começo do século XX. Ao mudar-se para Porto Alegre, tornou-se revisor e tradutor da Editora Globo, estreando como escritor com a publicação de um livro de contos chamado *Fantoches*, em 1933. Lecionou Literatura Brasileira nos Estados Unidos da América. Faleceu em 1975 (GONZAGA, 1998).

⁴ A denominação ‘maragato’ foi dada aos revolucionários que lutaram contra o governo de Júlio de Castilhos (PRR), na Revolução Federalista (1893-95). O apelido surgiu porque, nas tropas do revolucionário Gumercindo Saraiva, havia muitos maragatos, moradores de S. José, Uruguai e oriundos de Maragataria, norte da Espanha. O objetivo do apelido, dado pelos governantes, era para significar que os revolucionários não eram brasileiros (FLORES, 2001).

⁵ A Revolução Federalista foi um movimento armado para depor Júlio de Castilhos do governo do Rio Grande do Sul entre os anos de 1893 e 1895 (FLORES, 2001).

dizendo há quase uma semana com uma obstinação que às vezes se transforma em fúria: aconteça o que acontecer, não pedirá trégua.

Maria Valéria torna a falar:

- Acho que o senhor deveria mandar buscar recursos.

Sua voz é firme e seca. E, apesar de não lhe dividir bem os olhos na semiobscuridade, Licurgo não tem coragem de encará-la.

- Recursos? Que recursos? – pergunta ele, olhando para o soalho.

- O doutor Winter está na cidade e pode vir com remédios. Mande um homem buscar ele.

- Não tem jeito.

- Tem sim.

- Qual é?

- Peça trégua. Diga que sua mulher vai ter um filho. Os maragatos compreendem.

- Os maragatos são uns cobardes.

A resposta vem rápida e rascante:

- Não são. O senhor sabe que não são.

Licurgo fecha-se num silêncio soturno. A cunhada prossegue:

- O senhor sabe que eles são tão bons e valentes como os republicanos. É a mesma gente, só que com ideias diferentes.

- Que é que a senhora entende de ideias? – vocifera Licurgo.

Maria Valéria continua imóvel.

- Não é preciso gritar. O senhor faz todo esse barulho porque no fundo sabe que não está procedendo direito.

Licurgo tira a palha da boca e amassa-a entre os dedos.

- Isto não é negócio de mulher. É de macho.

Maria Valéria abrandando um pouco a voz:

- Deus fez o mundo errado. Eu queria que os homens tivessem filho pelo menos uma vez na vida, só pra verem como não é fácil.

Ele tem vontade de gritar: “Que é que uma solteirona entende de ter filhos?”. Mas permanece calado.

- Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. – Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra.

Licurgo faz um gesto de impaciência (VERISSIMO, 2013, p. 26-27).

Dessa maneira, o elemento literário pode ser pensado como um dos esteios para a ruptura do sistema tradicional e da história oficial, tal como ocorreu a partir da fundação, na França, em 1929, do periódico, inicialmente, denominado como *Annales d'histoire économique et sociale*⁶. A Escola dos Annales, como posteriormente ficou conhecida, foi responsável por encorajar e propor inovações, buscando problematizar situações para além da questão política e valorizar a atividade humana, bem como promover o diálogo com outras disciplinas (BURKE, 2010).

Pensando do ponto de vista que visa à construção da narrativa histórica ou ficcional, um debate torna-se essencial ao pensarmos, por exemplo, os casos de Heródoto e Tucídides no que diz respeito ao 'real acontecido' e à 'versão narrada'. Para Heródoto, suas experiências e o relato de terceiros são essenciais para a construção de sua narrativa, sendo ele, ao mesmo tempo, narrador, testemunha e fonte. Tucídides, por sua vez, demonstra uma preocupação com o documento escrito, embora não deixe claro quais são os seus critérios para a escolha das fontes e sequer indique os documentos utilizados (PESAVENTO, 2000).

Corroborando para tanto, Burke (2010, p.17) destaca que:

Desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários⁷, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis.

Vale ressaltar que tais considerações ajudam a situar *O tempo e o vento* e o seu escritor como elementos pertencentes ao universo literário. Entretanto, seu teor crítico-reflexivo desperta interpretações das mais variadas sobre os aspectos históricos relacionados ao estado (Rio Grande do Sul) e ao tempo em que a obra foi produzida, tornando-se um documento histórico aberto ao diálogo entre História e Literatura, como percebemos no artigo da historiadora Sandra Pesavento, denominado *Fronteiras da ficção: diálogos da história com*

⁶ Anais de História Econômica e Social.

⁷ Conforme Burke (2011, p.7), "no século XVII, vários estudiosos – posteriormente chamados de 'antiquários' – começaram a coletar documentos antigos visando à comprovação de fatos históricos. [...]. Contrapunham-se aos historiadores da época, que não verificavam a veracidade dos fatos e limitavam-se ao relato da história da nobreza".

a *literatura* (2000). A partir desse artigo, a autora discorre sobre a importância de manter o diálogo para abrir espaço à multidisciplinaridade, conforme a proposta deste trabalho, fazendo uma interseção (Imagem 1) entre a História do Rio Grande do Sul e os reflexos da interpretação histórica do romancista em sua Literatura, fazendo uso de estratégias documentais de veracidade (PESAVENTO, 2000).

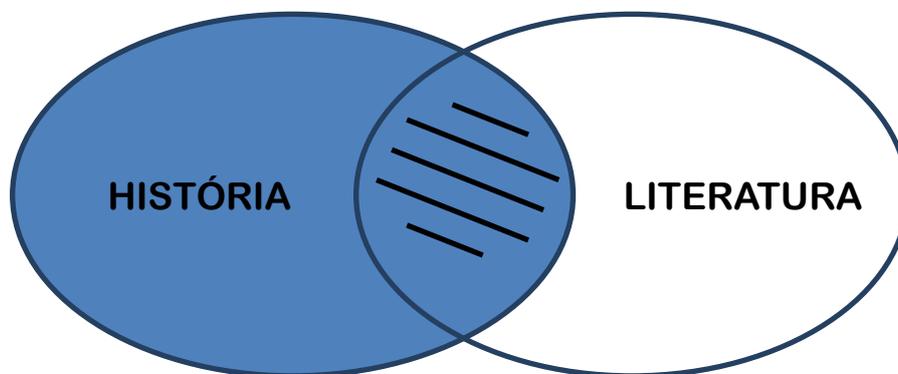


IMAGEM 1 – Diálogo Multidisciplinar.

Fonte: Adaptado de Pesavento (2000).

A obra *O tempo e o vento: 50 anos* (2000), organizada por Robson Pereira Gonçalves e que celebra o primeiro cinquentenário do lançamento de *O Continente*, demonstra tais aspectos ao buscar sustentação nas bases multidisciplinares possíveis. Os artigos de Regina Zilberman e de Pedro Brum Santos com relação ao romance histórico e sua capacidade de atualização do presente numa posição crítica que une mito e realidade e representa ou afere sentido aos rumos da História ilustram a proposta deste estudo (GONÇALVES, 2000).

2.1 O romance histórico de Erico Verissimo

Decorrendo dentre as fronteiras literárias e históricas e levando em consideração outra obra da literatura brasileira, *Iracema*, escrita originalmente em 1865 por José de Alencar, Pesavento (2000, p. 52) assinala “como o autor se cerca das ‘garantias do real’, de elementos de ‘veracidade’ para dar vida e verossimilhança, talvez mesmo autenticidade ao seu texto”. Esse recurso fica evidente ao longo de toda a trilogia de Verissimo e nas narrativas delimitadas por esta pesquisa, ao passo em que o processo histórico conduz à ficção, mesmo sem protagonizar os eventos e abre espaço para o debate

multidisciplinar. Tal comparativo situa as obras de Alencar e Verissimo conforme a definição de romance histórico de George Lukács, assim como observa Weinhardt (1994, p. 51) com relação à “especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e de agir das personagens”.

Com relação ao romance histórico, Zilberman (2000, p. 34) observa sua “capacidade de articular passado e presente, unindo figuras míticas e históricas, para refletir sobre a atualidade e tomar posição diante dela”. Ainda neste sentido, atenta que o escritor de *O tempo e o vento* difere em partes do romance de Alencar, pois este último, situado no século XIX, era uma criação exclusiva do período como um gênero de vanguarda e visava narrar o passado brasileiro em um contexto de afirmação identitária, após o processo de independência de Portugal. Nas linhas posteriores, Zilberman (2000, p. 36) explica que:

A história narrada por Erico não elege heróis individuais, sejam militares ou civis envolvidos em conflitos bélicos, como o romance histórico do Romantismo, e sim o grupo; também não destaca uma camada social, e sim o núcleo doméstico, responsável pelo aparecimento e manutenção das gerações, num processo sem fim de que depende o funcionamento da sociedade.

Dessa maneira, Erico Verissimo ao referir-se em sua obra através de suas personagens a figuras históricas como Júlio de Castilhos⁸ ou Borges de Medeiros⁹ e ao situar a politicamente instável Santa Fé no itinerário de Hermes da Fonseca¹⁰ e Pinheiro Machado¹¹ nos eventos narrados em *O Retrato*, vai ao encontro das observações de Weinhardt (1994, p. 51) ao expor que o romance histórico inclui a “possibilidade de apresentar as figuras históricas em

⁸ Júlio Prates de Castilhos (1860-1903) formou-se em Direito. Foi responsável por orientar o Partido Republicano Rio-Grandense sob o ideário Positivista de Augusto Comte e conduzir a política estadual até sua morte (FLORES, 2001).

⁹ Antônio Augusto Borges de Medeiros foi o político que maior tempo ocupou o governo do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos em 1898, reeleito em 1903 e sucessivamente eleito nos anos de 1913, 1918 e 1923 (FLORES, 2001).

¹⁰ Hermes Rodrigues da Fonseca, nascido em 1855 em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, foi eleito presidente da República em 1910 (FLORES, 2001). As eleições de 1910 são importantes para o universo literário, uma vez que despertam a atuação e propaganda política do doutor Rodrigo Cambará.

¹¹ José Gomes Pinheiro Machado, natural de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, foi um dos responsáveis pela campanha abolicionista e republicana nos anos finais da Monarquia no Brasil. Atuou na Revolução Federalista e ocupou o cargo de senador durante boa parte do novo regime, sendo conhecido pela alcunha de ‘o condestável da República’ (FLORES, 2001). Sua atuação no cenário literário é de relevância aos acontecimentos políticos, tal qual sua representatividade histórica registra. Erico Verissimo aborda detalhadamente seu assassinato (1915) e a comoção em torno do fato.

momentos historicamente decisivos. A arte do romancista consiste em colocá-las na intriga de modo que essa situação decorra da lógica interna das ações”. Além disso, Santa Fé também é palco das agitações políticas e crise econômica que culminaram na Revolução de 1923, contra o governo de Borges de Medeiros à frente do Rio Grande do Sul e diante de sua quinta reeleição.

Dessa forma, pensando em um contexto regional que leve em consideração a literatura produzida, com relação ao Rio Grande do Sul, destaca-se que:

As primeiras expressões de cunho regionalista apareceram no cancionista popular. As manifestações literárias pioneiras, por sua vez, remontam à época da Revolução Farroupilha, quando se editaram também os primeiros jornais. O título de fundadores da literatura sulina pertence, contudo, aos participantes da Sociedade Partenon Literário, pois eles ativaram o meio intelectual, discutindo ideias e atuando em distintos campos literários. E foram os temas sobre os quais escreveram que estabeleceram as principais linhas de força da produção poética local. [...]. No texto regionalista, há a divisão social, não, porém, desigualdade ou conflito. Estancieiro e vaqueano, pretos e brancos, estão juntos nas lides campestres e na guerra; e a atividade comum justifica o mito da “democracia rural” (ZILBERMAN, 1992, p. 48-50).

Em um contexto posterior e afora ao regionalismo, o escritor Erico Verissimo é considerado um representante da geração literária de 1930, sob a luz de um cenário político e social que Gonzaga (1998, p. 210) descreve dessa maneira:

A geração literária de [19]30 significou, a princípio, a mesma aliança entre as elites rurais não ligadas ao café e os setores progressistas da classe média cidadina. [...]. Oligarquias que encontram nas palavras de ordem de grupos sociais urbanos – alfabetização, voto livre, democracia real, modernização e melhores condições para os trabalhadores – a saída para a própria crise e o respaldo ideológico para as obras narrativas. Os revolucionários de [19]30 logo se conciliam com os cafeicultores e com a velha ordem, dissolvendo os ideais modernizadores dos tenentes, que em sua maioria se afastam do poder. Os romancistas de [19]30, ao contrário, aprofundam as contradições existentes e radicalizam-se ideologicamente. O integralismo e o comunismo surgem como possibilidade de transformação da realidade brasileira.

O romance histórico, ainda de acordo com Lukács, age como uma resposta frente a questões históricas, algo feito através do torneio de ações nas quais são fixadas literariamente etapas reconhecidas como pertencentes à História da época de produção (SANTOS, 2000). Ao considerarmos a obra *O tempo e o vento* em sua totalidade, percebemos a presença desses elementos,

de maneira sutil ou fulgente, mas instigando reflexões das mais diversificadas aos leitores.

3. O CONTINENTE DE CASTILHOS E CAMBARÁ: A CONSOLIDAÇÃO DO POSITIVISMO NO ESTADO

Ao referenciar *O Continente*, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, buscamos elaborar um panorama do Positivismo¹² de Augusto Comte (1798-1857) adaptado por Júlio de Castilhos e pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR), além dos rumos tomados pela Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Para tanto, conforme a proposta deste estudo de interpretar o processo histórico por meio da trilogia literária de Erico Verissimo faz-se necessário destacar os eventos narrados em *O Sobrado*, capítulos divididos e arranjos entre os demais que compõem o livro.

Dessa maneira, antes de sermos transportados ao silêncio da longínqua e fria noite de lua cheia de 24 de Junho de 1895, à luz das estrelas e dos instantes finais da Revolução Federalista, no contexto literário¹³, devemos refletir sobre o processo que influencia a política da região e sua base ideológica Positivista.

A passagem do século XIX para o século XX no Brasil é fundamental para compreender as bases do sistema republicano, sobretudo porque o advento do regime data a partir de um golpe militar a 15 de novembro de 1889. Neste sentido, a recém-proclamada República brasileira foi desafiada por diversos movimentos que ameaçaram a estabilidade da nova ordem¹⁴, entre eles, a Revolução Federalista durante os anos de 1893 e 1895 na região sul do Brasil (PESAVENTO, 1983).

¹² Segundo Pesavento, “no contexto europeu do século XIX, onde surgiu, o positivismo foi uma das correntes ideológicas de justificação do triunfo da sociedade burguesa e do modo capitalista de produção” (1983, p. 54).

¹³ “Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado”, assim abre-se *O Continente* e assim encerra-se *O Arquipélago*. No entanto, a obra *O tempo e o vento* permanece um campo aberto de possibilidades de pesquisa.

¹⁴ Para além da Revolução Federalista, a Revolta da Armada (1891-1894) e a Rebelião de Canudos (1896-1897) são exemplos de eventos que ameaçaram a consolidação da República nas passagens do século XIX para o século XX. Isso porque desencadearam a renúncia de um presidente e significativas perdas ao contingente militar, respectivamente (FLORES, 2001). Pesavento (1983, p. 37) destaca o “equilíbrio e solidez ainda precários” do novo regime (republicano).

Não obstante, ao buscarmos os elementos que constituem esse conflito, devemos recorrer ao panorama histórico e político da segunda metade do século XIX na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul (Imagem 2) e considerar seu contexto dinâmico entre o Partido Liberal, representado por Gaspar Silveira Martins¹⁵, e o Partido Republicano Rio-grandense, na figura de Júlio Prates de Castilhos.

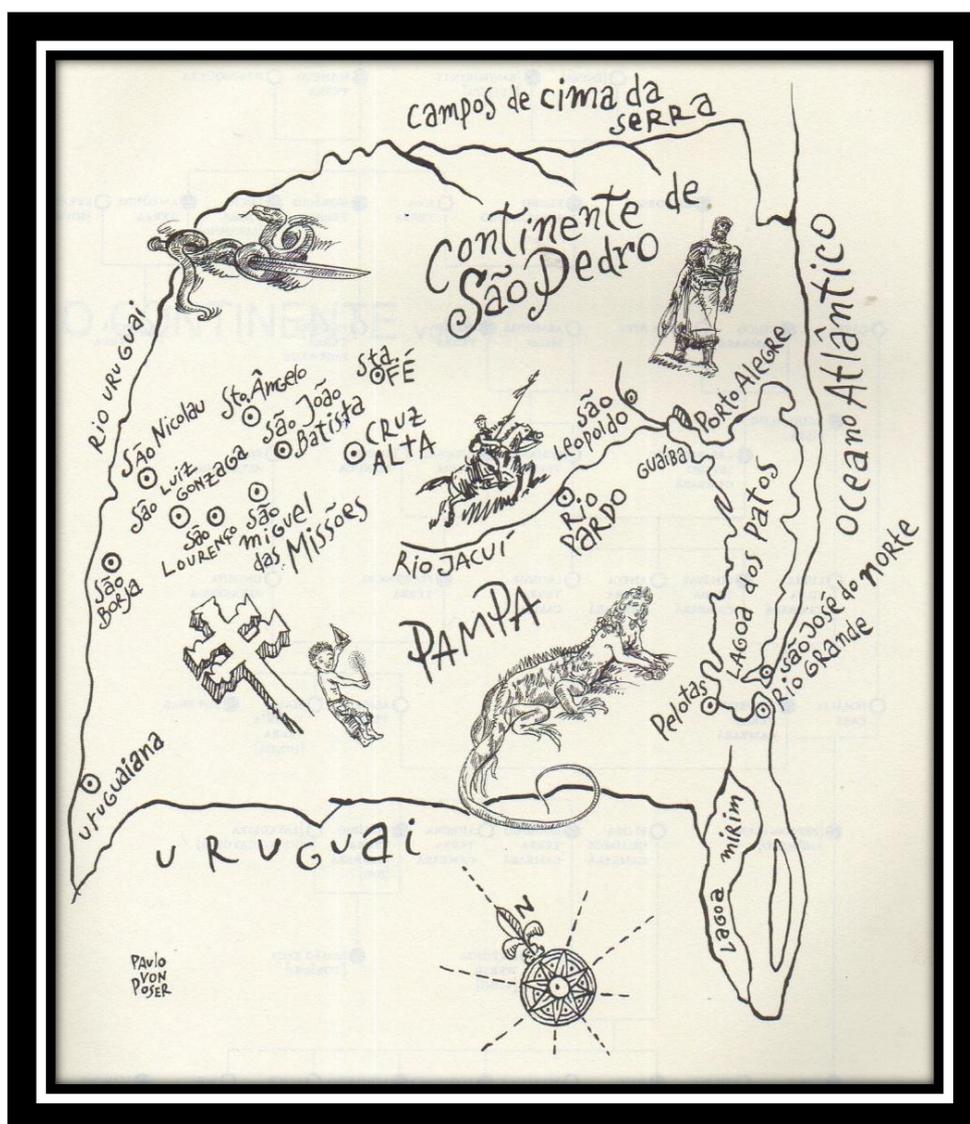


IMAGEM 2 – Mapa do Continente de São Pedro.

Fonte: Verissimo (2013, p. 13).

¹⁵ Nascido em 1835 e formado em Direito, Gaspar Silveira Martins fundou o jornal *A Reforma* a serviço do Partido Liberal e, posteriormente, durante os instantes iniciais da República, organizou o Partido Federalista em oposição a Júlio de Castilhos e ao PRR (FLORES, 2001).

3.1 Em meio a liberais e republicanos: os últimos suspiros da Monarquia

Durante a década de 1870, a charqueada gaúcha enfrentava uma crise que refletia negativamente sobre a pecuária. Entretanto, não afetava em sua totalidade a economia da região, que topava respaldo na agricultura versada em pequenas propriedades, no geral, praticada pelos imigrantes. Os grandes proprietários de terras, gado e charqueadas encontravam no jornal *A Reforma*, desde 1868, um órgão de defesa da maior autonomia às províncias pela descentralização administrativa e pelo federalismo (PESAVENTO, 1983). Todavia, Pesavento (1983, p. 46) complementa:

Em 1878, com a ascensão do Partido Liberal ao poder no Brasil, o domínio dos liberais no Rio Grande se tornou incontestado. Com a morte de Osório, em 1878, assumiu a chefia do partido Gaspar Silveira Martins, que desempenhava as funções de mediador entre as classes dominantes locais e o poder político central. Internamente, dedicou-se a solidificar a hegemonia dos liberais na província, estendendo uma aliança política com os novos setores emergentes na sociedade gaúcha: os colonos alemães e o setor mais representativo da comunidade teuta – os comerciantes e a elite intelectualizada.

Neste sentido, observamos uma aproximação na relação entre o Partido Liberal e as instituições monárquicas, passando aquele de crítico a defensor delas ao longo da década de 1880. Todavia, a política adotada mostrou-se paliativa, não contemplando a modernização ou renovação da estrutura produtora gaúcha (PESAVENTO, 1983). Dessa forma, repercute de maneira fervorosa um discurso antagônico à Monarquia em um contexto comedido pelo cientificismo. Para tanto, vale-se de uma configuração mais crítica dos jornais e de uma disseminação da propaganda política republicana e abolicionista como sinônimo de progresso e símbolo da modernidade, tal como os processos de industrialização e urbanização (BAKOS, 2006).

Todas essas questões estão presentes tanto no Positivismo quanto na criação do Partido Republicano Rio-grandense, a partir da Convenção Republicana de 23 de fevereiro de 1882 e do engajamento do jovem advogado que retornara um ano antes (1881) de São Paulo, para tornar-se o arauto na província e, conforme Bakos (2006, p. 10), aos poucos fundamentar “o mito que se criou em torno do líder perrepeista, como pessoa sem vacilações ou incoerências, objetiva nas respostas e decisões”. A própria autora faz ressalvas

a essa questão, uma vez que Júlio de Castilhos tenha demonstrado receio em tornar públicas suas correspondências referentes à própria participação no tráfico de escravos, alimentando, dessa forma, a oposição e caminhando na contramão do que pregava Augusto Comte, impetuosamente contrário à escravidão (BAKOS, 2006).

Embora, no princípio, o PRR fosse um grupo minoritário no cenário político regional, conforme Pesavento (1983, p. 59), seus membros, liderados por Júlio de Castilhos, eram “radicais na sua intransigência com a Monarquia, progressistas para os quadros da época [e] demonstraram extrema habilidade política nos incidentes que levaram à queda do regime”. Assim, além de estabelecer um diálogo franco com o Exército e gozar do mesmo ideário, Pesavento (1983, p. 60) complementa:

Os republicanos civis instrumentalizaram os militares, aumentando o seu inconformismo com o regime e produzindo o desfecho da situação com o golpe de 15 de novembro [de 1889]. Não apenas os aproximavam os tradicionais laços que o Rio Grande sempre mantivera com as Forças Armadas, mas também a identidade de propostas quanto ao tipo de governo a ser instalado: a república autoritária, de feição positivista.

O processo histórico é utilizado por Verissimo para confiar valor ao enredo literário, situando suas personagens a serviço de figuras históricas ou portadores de pensamentos comuns aos diferentes períodos abordados. No caso específico, aos derradeiros suspiros da Monarquia no Brasil, emerge o pensamento republicano em sua obra.

3.2 O pensamento de Comte ecoa no PRR

Embora arranjado politicamente no início da década de 1880, a partir da organização do PRR, o Positivismo já estava presente na província, dialogando inclusive com a Literatura, como alerta Bakos (2006, p.11):

Em 1874, iniciou-se a penetração positivista na literatura do Rio Grande do Sul com a publicação de uma obra crítica literária que condenava a metafísica e o misticismo e aconselhava aos poetas “soltar seus hinos sonoros no tabernáculo da ciência”. Nesta província, como de resto em todo o País, o Positivismo primeiramente influencia o plano cultural; só mais tarde virá a influir no plano político. O ambiente era favorável para receber um grupo de gaúchos que, após estudar em outras províncias, voltaram imbuídos do pensamento de Augusto Comte. Entre eles, destacou-se Júlio de Castilhos.

Neste sentido, o jornal *A Federação* surgiu em 1884, no Rio Grande do Sul, comedido pelo cientificismo Positivista e marcou, para além da questão cultural, a propaganda do Partido Republicano Rio-grandense em uma situação política dominada pelo Partido Liberal (PESAVENTO, 1983). Bakos (2006), de acordo com a análise de Carlos Reverbel, situa os jornais *A Reforma* e *A Federação* como os órgãos mais representativos durante a segunda fase da imprensa gaúcha¹⁶ pelo seu teor face à conjuntura histórica que estava em curso, questionando elementos como a questão servil e a extinção do regime monárquico no país. Desse modo, o aparelho republicano intensificou suas críticas, fundamentado no Positivismo de Comte e sob a supervisão de Júlio de Castilhos (BAKOS, 2006).

O pensamento do PRR, seus líderes e sua base ideológica podem ser explicados, conforme Pesavento (1983, p. 54):

Seus princípios norteadores – ordem e progresso – estão assim diretamente relacionados com o progresso em curso na sociedade: a ordem burguesa era o elemento a conservar; o progresso econômico, o objetivo a atingir. Daí, pois, os lemas positivistas: “a ordem por base, o progresso por fim”, “o progresso é a continuidade da ordem”.

Com relação ao pensamento de Augusto Comte, Bakos (2006, p. 34) chama atenção ao fato da questão racial como justificativa para a escravidão, uma vez que, para o filósofo francês, “não se podia falar em raças superiores ou inferiores, e sim em raças diversas em virtude da preponderância da inteligência ou da atividade”. Nessa ótica, os seres humanos seriam tanto superiores quanto inferiores quando comparados entre si, não havendo justificativa para a continuação da questão servil. O esquema a seguir (Quadro 1) relaciona e visa exemplificar essa questão.

¹⁶ A primeira fase da imprensa rio-grandense iniciou-se em 1827 com a criação do *Diário de Porto Alegre*, entre outros periódicos. Entretanto, ficou marcada pelo pouco apoio financeiro, culminando na desistência dos editores e na forma irregular com que eram produzidas as edições. A segunda fase engloba tanto os jornais referidos [*A Reforma*; *A Federação*] como outros, veiculados de maneira regular. Entretanto, baseados no comentário e na propaganda política, relegando à informação um papel secundário. Por fim, o órgão que dá início a terceira fase dessa periodização e que procurou afastar-se da linha partidária e opinar na defesa dos interesses populares foi o *Correio do Povo*, a partir de 1895 (Bakos, 2006).

RAÇA	QUALIDADE
Branco	Inteligência (espírito científico; elite).
Negro	Sentimento (amante).
Amarelo	Atividade (trabalho).

QUADRO 1 – Qualidades nas diversas raças, segundo Augusto Comte.

Fonte: Adaptado de Bakos (2006) e Pesavento (1983).

Contudo, para Augusto Comte, há uma justificativa para a escravidão do ponto de vista da evolução histórica. Segundo ele, o estado teológico é o ponto inicial da inteligência humana e da “lei dos três Estados”, onde a escravidão justifica-se apenas pela questão militar, formando as bases da civilização antiga e constituindo-se como uma etapa necessária à evolução da humanidade. A fase metafísica seria a transição até a fase final do progresso humano, denominada como positiva e caracterizada pela busca do conhecimento científico e pela racionalidade. Neste período intelectual moderno do século XIX, assim definido pelo filósofo francês, em que ele formula suas teorias, a escravidão não mais se justificava, tornando-se uma monstruosa aberração social (BAKOS, 2006).

A interpretação do pensamento de Comte reflete-se, dessa maneira, ao longo da década de 1880, ecoando tanto na figura de Júlio de Castilhos quanto nas páginas de *A Federação*, fornecendo respostas e valores para a sociedade, bem como legitimando as ações do Partido Republicano Rio-grandense. Porém, tão necessário quanto veicular sua propaganda era aglutinar a base social de apoio político, encontrando aporte em setores urbanos e rurais da sociedade, especialmente as camadas médias urbanas em ascensão e os imigrantes e pequenos proprietários de terra que não se encaixavam no quadro político imperial, marcado pela política dos favores e dos benefícios (PESAVENTO, 1983).

De acordo com Celi Pinto (1979) e corroborando com Sandra Pesavento (1983), Bakos (2006) salienta que o setor urbano da população era composto por altos funcionários e profissionais liberais, além de comerciantes com pouco ou nenhum grau de instrução, mas que entendiam a crítica à Monarquia e às

suas instituições, bem como o projeto político econômico que se apresentava para o Rio Grande do Sul.

3.3 Na cabeça, o chapéu com o leiteiro: VIVA O DR. JÚLIO DE CASTILHOS!

A questão escravista e a questão militar foram dois dos fatores definitivos para a supressão do regime imperial, dando lugar, em nível nacional, às Forças Armadas, em especial ao Exército e, em nível local, ao grupo dos republicanos que haviam estreitado seus laços com os militares através de manifestações públicas de apoio e pelas noções ideológicas semelhantes baseadas no Positivismo. No contexto sul-rio-grandense, Pesavento (1983, p. 69) destaca que:

O domínio castilhista no sul começara a ser contestado desde os momentos iniciais da República. A primeira oposição organizada ao PRR deu-se em 1890, com a formação da União Nacional, formada por alguns antigos liberais, seguidores de Silveira Martins, e pelos partidários do clã dos Silva Tavares. Estancieiros de Bagé pertenciam, na época do Império, ao Partido Conservador e com a República haviam aderido ao PRR. Entretanto, logo incompatibilizaram-se com os castilhistas, desertando do partido para passarem a opor-se ao PRR. Com este incidente, os castilhistas perderam seu único ponto de apoio em Bagé, cidade tradicionalmente liberal e gasparista.

Esse contexto político – há muito instável – rapidamente polarizou-se, encontrando um terreno fértil no autoritarismo de Júlio de Castilhos à frente do estado, legitimado pela Carta Constitucionalista de 1891¹⁷ e pela inabilidade política de Deodoro da Fonseca na condução da situação em âmbito nacional. Este último constantemente em atrito com o Legislativo e com as próprias Forças Armadas, tanto no Exército com a ascensão da figura de Floriano Peixoto, quanto na Marinha, de composição social historicamente ligada às camadas privilegiadas da sociedade e que gozava de prestígio durante o regime monárquico (PESAVENTO, 1983).

¹⁷ Idealizada por Júlio de Castilhos, a Carta Constitucionalista de 14 de julho de 1891 foi inspirada no conhecimento do *Sistema de Política Positiva* de Augusto Comte e forneceu instrumentos legais para o controle ininterrupto do poder por parte do PRR. Desde o início, a Constituição tornou-se foco de discordâncias dentro da classe dominante gaúcha. A necessidade de revisão foi pregada desde então e, durante anos, inspirou manifestações de inconformismo, principalmente no movimento revolucionário de 1923 sob a chefia de Assis Brasil (ROCHA, 1995).

Ambos os líderes políticos foram forçados a renunciar de seus cargos em novembro de 1891 (Júlio de Castilhos e Deodoro da Fonseca). No Rio Grande do Sul, o governo passou a cargo dos republicanos dissidentes e a Constituição de 1891 foi revogada. O “governicho” – expressão usada de forma pejorativa pelos castilhistas ao referirem-se ao então governo – assistiu, em 1892, na cidade de Bagé, à formação do Partido Federalista Brasileiro (PFB) sob a chefia de Gaspar Silveira Martins, figura recorrente nos quadros imperiais (PESAVENTO, 1983).

Conforme Pesavento (1983, p. 81), o Partido Federalista Brasileiro “era formado majoritariamente pelos pecuaristas da região da Campanha, ligados ao comércio e contrabando na zona da fronteira”. Dentre suas principais proposições, continua Pesavento (1983, p. 81), “estavam a república parlamentar, a atribuição de maior poder ao governo central, a eleição do chefe de Estado pelo parlamento [e] a representação das minorias no Legislativo”.

O Partido Republicano Rio-grandense, entretanto, era maioria e gozava de maior organização político-partidária, atacando a situação (o governicho) durante os meses em que esteve afastado do poder e buscando meios para reestabelecer sua aliança com o governo central. Assim, o regresso de Silveira Martins e a organização do PFB revelaram-se um forte argumento nessas tentativas de reaproximação, uma vez que os castilhistas denunciavam uma suposta tendência restauracionista da nova organização partidária. Esse discurso envolveu Floriano Peixoto, sucessor de Deodoro da Fonseca na presidência, e propiciou que Júlio de Castilhos, em junho de 1892, retomasse o poder no Estado. Essa retomada deu início a uma perseguição sistemática aos federalistas, fazendo-os migrar ao Uruguai e organizarem-se em armas para dar início à guerra civil de 1893-1895 (PESAVENTO, 1983).

O escritor Erico Verissimo insere o leitor aos instantes finais dessas ações, na fria noite de lua cheia de 24 de junho de 1895, testemunha de um dos últimos esforços dos revoltosos para tomar a fictícia Santa Fé e estabelecer uma base para reorganização. Afinal, como explica Pesavento

(1983, p. 86), do ponto de vista militar e se comparados aos pica-paus¹⁸, “as tropas rebeldes lutavam com precariedade de recursos [...]. Afeitos às lides do campo e ao uso da montaria, seus piquetes eram dotados de grande mobilidade e atacavam de surpresa, a cavalo, portando lanças”. Uma vez confirmadas essas questões, o cenário de Santa Fé pouco favorecia aos maragatos.

O cerco de aproximadamente dez dias ao sobrado da família Cambará, único reduto republicano ativo na cidade, funciona como um exemplo dos atos de barbárie que se tornaram comuns de ambos os lados durante o conflito. Ao longo do capítulo, o enredo literário abre espaço ao contexto histórico, ora citado pelo narrador, ora disposto entre os diálogos das personagens. Neste sentido, podemos pensar sobre a degola, prática que ficou associada diretamente à Revolução Federalista (Revolta da degola), além das ligações com os revolucionários advindos da Revolta da Armada liderados pelo Almirante Saldanha da Gama e o possível caráter monarquista presente nos ideais federalistas.

Pesavento (1983, p. 91) salienta com relação aos crimes cometidos durante a guerra civil e que acabam por solidificar a base do PRR, observando que seus mandantes “eram os chefes políticos, exacerbados no calor da guerra pela radicalização extrema [...], os executores de todos estes atos eram membros da massa rural empobrecida”. Erico Verissimo apresenta essas questões ao longo de sua obra, assinalando as relações de poder do período em questão (Revolução Federalista), envolvendo as famílias de grandes estancieiros e a lealdade de seus agregados durante os eventos compreendidos entre os anos de 1893 e 1923.

Para Licurgo Cambará – chefe republicano de Santa Fé e intendente municipal na ficção –, inserido no calor dos acontecimentos, essas questões estavam claras, quando, em 1895, ele refletia sobre muitos de seus desafetos. Um em particular, Toríbio Rezende, chama a atenção, pois outrora foi amigo e companheiro de propaganda republicana de Licurgo, no entanto:

¹⁸ Apelido dado pelos maragatos aos republicanos em alusão ao uniforme das tropas do Exército que lutaram no estado, constituindo-se em uma roupa azul com um quepe vermelho (PESAVENTO, 1893).

Fascinado pela personalidade de Gaspar Silveira Martins, abandonou os companheiros de ontem, fez-se parlamentarista, cerrou fileiras com os maragatos, afastou-se aos poucos do Sobrado e por fim chegou até a escrever verrinas contra Júlio de Castilhos, chamando-lhe ditador. Castilhos ditador! Era o cúmulo do absurdo chamar tirano a um homem que para evitar a guerra civil abandonou voluntariamente o cargo de presidente do Estado para o qual fora legalmente eleito. E, quando a revolução rebentou, Toríbio uniu-se às forças de Juca Tigre, convencido – o idiota! – de que os federalistas queriam salvar o Rio Grande da ditadura, não compreendendo – o infeliz! – que por trás daquelas conversas de parlamentarismo e liberdade, o que os maragatos queriam mesmo era restaurar a monarquia, destruir a república pela qual o próprio Toríbio tanto se batera. Mas agora – reflete Licurgo – aproxima-se a hora do ajuste de contas. Gumerindo Saraiva está morto. O alm. Saldanha da Gama anda burlequeando pelo Estado com seu batalhão de marinheiros sobrados da Revolta da Armada, e que nada podem fazer em terra firme senão fugir e evitar os combates. Muitos dos chefes federalistas já começaram a emigrar para o Uruguai e a Argentina (VERISSIMO, 2013, p. 443).

O término da revolta marca o triunfo de Júlio de Castilhos, legitimando o caráter Positivista da Constituição de 1891 e a consolidação do PRR à frente do estado, caracterizado cada vez mais por uma rígida e hierarquizada escola partidária com uma estrutura vertical de mando (PESAVENTO, 1983). No contexto ficcional, Verissimo (2013) retrata a consolidação do PRR de maneira sutil, quando, ao término do cerco federalista, Licurgo Cambará coloca o chapéu na cabeça – em cuja fita se lê VIVA O DR. JÚLIO DE CASTILHOS! – e só então ordena para que se abram as portas do Sobrado a uma cidade, por hora, livre de maragatos.

4. DOUTOR RODRIGO CAMBARÁ E A “GERAÇÃO DE 1907”

O ano de 1909 marca *O Retrato*, segundo livro da trilogia e o retorno literário de Rodrigo Cambará, bem como as tensões em torno das eleições federais do ano seguinte. Nomes históricos como Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado entram no universo ficcional não somente para dialogar com a literatura (doutor Rodrigo), mas para apontar características específicas do período. Ao passo em que Verissimo revela ao leitor a trajetória acadêmica e política do personagem, suas origens sociais e estratégias de ascensão aproximam-se com a de figuras históricas, conforme o estudo de Luiz Alberto Grijó (1998) sobre os componentes da chamada “geração de 1907”. *O Arquipélago*, terceiro livro da saga literária, corrobora para essas questões, uma vez que aproxima Rodrigo Cambará de Getúlio Vargas – um dos

representantes dessa “geração”, segundo os estudos de Love (1975) e Grijó (1998) – e dos conchavos políticos da capital federal, muito além dos limites ficcionais de Santa Fé.

Entretanto, as questões em torno de *O Arquipélago* ficarão restritas aos eventos políticos que antecedem a Revolução de 1923 e envolvem alguns membros históricos do PRR, como Joaquim Francisco de Assis Brasil e Antônio Augusto Borges de Medeiros. Essas questões já podem ser observadas em *O Retrato* a fim de contextualizar as crescentes dissidências no seio do Partido Republicano e as críticas ao governo de Borges de Medeiros.

Ponderando o ponto de vista histórico em nível regional, há de se refletir sobre o contexto em que se encontrava o estado e os rumos tomados pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR) a partir da morte de Júlio de Castilhos (1903), com ênfase nas particularidades da campanha eleitoral de 1906/07 e nas novas diferenças político-partidárias decorrentes da alteração do cenário de governança. De forma articulada, Verissimo (2017, p. 81) abre espaço para essas questões, uma vez que, após a morte de Castilhos, sabemos que “Licurgo afastara-se do partido [PRR], por não concordar com a orientação do dr. Borges de Medeiros no que dizia respeito à política dos municípios”. Neste cenário, tanto a crítica quanto à defesa do líder do PRR entrelaçam-se.

4.1 A ditadura científica e a democracia, os contrapontos do PRR

A morte de Júlio de Castilhos (1903) legou, em um primeiro momento, o controle do PRR e do estado a Borges de Medeiros, mas não sem que houvesse contestação sobre a legitimidade dessa herança. Dessa maneira, em 1907, ocorreram as primeiras eleições no Rio Grande do Sul envolvendo dois candidatos desde a consolidação de Júlio de Castilhos no poder (ao término da Revolução Federalista, em 1895), fato que demonstra o autoritarismo enraizado e legitimado no Partido. A disputa esteve entre o candidato situacionista, Carlos Barbosa Gonçalves, e o dissidente do PRR, Fernando Fernandes Abbot. Em sua dissertação de mestrado, Grijó (1998, p. 100) destaca que “o confronto assume contornos interessantes por ter sido não uma

disputa eleitoral entre dois partidos, mas uma divisão de facções internas ao PRR”.

Com relação a essa divisão eleitoral, Grijó (1998, p. 102-103) observa que:

Os borgistas, buscando se afirmarem como “verdadeiros” seguidores e herdeiros de Castilhos, a exemplo do que ele próprio fizera, se nutriam em Comte e no próprio “patriarca”, repetindo à exaustão os motes “incorporação do proletariado na sociedade moderna”, “o progresso dentro da ordem”, “a ditadura científica” na tentativa de legitimarem-se. Os opositores, por seu turno, se nutriam nos “clássicos” modernos para exigir “democracia”, “representação” e “liberdade” marcando um contraponto com os situacionistas.

Tal cisão no seio do Partido Republicano Rio-grandense deu-se entre os chamados “republicanos históricos” ou representantes da “velha guarda” do partido, isto é, entre os componentes ligados a Júlio de Castilhos até a data de sua morte (1903). Assim, nomes como Borges de Medeiros, Pinheiro Machado e Fernando Abbot assumiram o protagonismo político do momento. Este último, inclusive, angariando seguidores dentre os descontentes com a situação, velhos dissidentes do Partido, como Assis Brasil¹⁹, e na própria oposição federalista (GRIJÓ, 1998). No plano fictício, as palavras de Florêncio – avô materno de Rodrigo – durante o cerco ao sobrado, além de intuitivas, encenam um diálogo entre História e Literatura:

– Olhe, Licurgo, vassuncê tem só quarenta anos. Eu tenho quase sessenta e cinco. Já vi outras guerras. Tudo isso passa. A revolução termina, os federalistas e os republicanos ficam alguns meses ou anos um pouco estranhos, mas o tempo tem muita força. Um dia se encontram, fazem as pazes, esquecem tudo. Todos são irmãos (VERISSIMO, 2013, p. 29).

As alianças decorrentes dessa campanha buscaram consolidar a posição de ambas as facções, conferindo ampla vantagem à situação. Dessa forma, Carlos Barbosa contou com a representatividade nacional de Pinheiro Machado, membro da Constituinte Federal (senador desde 1890) pelo PRR, e Borges de Medeiros à frente das instituições do estado (GRIJÓ, 1998). Neste sentido, vale o destaque para os primeiros passos políticos de jovens

¹⁹ Nascido em 1858, Joaquim Francisco de Assis Brasil teve atuação destacada no cenário político nacional e internacional nos séculos XIX e XX, atuando como político, diplomata, intelectual e produtor rural (ROCHA, 1995).

estudantes no contexto do pleito eleitoral de 1906/07 a favor da estabilidade do PRR e suas origens sociais.

4.2 Trajetórias históricas e literárias

Os eventos pesquisados por Grijó (1998) sobre a campanha eleitoral de 1906 e as eleições de 1907 para a presidência do Estado do Rio Grande do Sul não servem como pano de fundo para a trilogia literária de Verissimo, uma vez que após o término de *O Continente* (1895), a cronologia em questão para nossa ponderação de *O Retrato* inicia em 1909. Entretanto, a trajetória política de Rodrigo Terra Cambará, nas palavras de Verissimo (2017, p. 21), um “figurão do Estado Novo, comensal do Palácio Guanabara, senhor do Sobrado, do Angico, e sócio de várias empresas industriais”, coincide em certos aspectos com o início de lideranças históricas da chamada “geração de 1907”, como Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura e José Antônio Flores da Cunha²⁰.

Em um primeiro momento, convém destacar as origens e as relações familiares de algumas dessas figuras a fim de compreender suas posições sociais e como, aos poucos, foram galgando espaço no contexto político estadual e nacional, transcendendo as fronteiras históricas e literárias. Em sua apreciação, Grijó (1998, p. 34) julga representativa a “relação entre a condição de estancieiro, as atividades militares e o posicionamento dos patrões enquanto controladores de redes clientelísticas”, elementos que observamos dentre os “republicanos históricos” e os seus filhos (segunda geração de políticos rio-grandenses), representantes da “geração de 1907” e do Bloco Acadêmico Castilhistas.

Um exemplo que ilustra essa questão é o de Manoel do Nascimento Vargas, pai de Getúlio Dornelles Vargas e descendente dos primeiros

²⁰ Além destes, destacam-se o advogado Oswaldo Aranha, comandante governista na Revolução de 1923, Ministro da Fazenda e embaixador do Brasil em Washington e Lindolfo Collor, participante do Bloco Acadêmico Castilhistas, deputado estadual, deputado federal, primeiro ministro do trabalho e opositorista do Governo Provisório de Vargas (1932), após o exílio foi secretário da agricultura do RS (FLORES, 2001). Maurício Cardoso laureou-se advogado e exerceu a profissão em Porto Alegre, ocupou uma cadeira na Assembleia dos Representantes em dois momentos nas décadas de 1910 e 1920. Firmino Paim Filho, por sua vez, foi Secretário do interior e exterior do RS e Chefe de polícia do Estado. Combateu na Revolução de 1923, sendo eleito Deputado federal em 1924 e posteriormente Secretário da Fazenda do Estado (GRIJÓ, 1998).

colonizadores europeus do Rio Grande do Sul, de origem açoriana. Seu bisavô, Manoel José de Vargas, atingiu o posto de major no Exército imperial português, ainda no século XVIII e tornou-se sesmeiro. Seu pai, Evaristo Vargas, trilhou uma trajetória parecida (militar-estancieiro), porém, dessa vez, feito major pelo Exército na Revolução Farroupilha (1835-1845). Ao término da Guerra do Paraguai (1870), Manoel Vargas estabeleceu-se em São Borja na condição de capitão e casou-se com Cândida Dornelles, dedicando-se a diversas atividades, muitas delas ligadas ao meio rural, uma vez que sua esposa pertencia a uma família de prósperos estancieiros (GRIJÓ, 1998).

O historiador aponta para o fato de que o engajamento militar, além do reconhecimento por façanhas ou atos de bravura e capacidades de liderança, contribuía para a obtenção de recursos mobiliários e imobiliários. Neste sentido, tornava-se um negócio lucrativo em termos econômicos e de hierarquia militar, caracterizada horizontalmente entre os oficiais e verticalmente entre os subordinados. A amizade datada da Guerra do Paraguai (1865-1870) entre Manoel Vargas e José Gomes Pinheiro Machado comprova esse fato e continuou a repercutir anos depois, no contexto das eleições de 1907 e da atuação de Getúlio Vargas, herdeiro direto dessa relação (GRIJÓ, 1998).

A formação do Bloco Acadêmico Castilhistas, um dos marcos da campanha política de 1906/07, reuniu estudantes das escolas superiores de Porto Alegre (RS), todos engajados na candidatura de Carlos Barbosa e com o intuito de legitimar suas heranças, como atenta Grijó (1998, p. 73):

A militância estudantil, na maioria dos casos, levou a uma iniciação na prática das lutas político-partidárias e a um reconhecimento por parte dos “velhos chefes políticos” mais destacados do Rio Grande do Sul destes jovens enquanto “valores” importantes para o PRR, ao qual a maioria veio a se filiar herdando dos pais tal vinculação.

O legado republicano foi determinante para a atuação desses jovens, consolidando o Bloco Castilhistas sobre os olhos de Pinheiro Machado e pela oratória de Getúlio Vargas. Esse fato pode ser comprovado pela criação de um jornal²¹ confiado aos estudantes pelo próprio senador e financeiramente

²¹ Jacinto Godoy, Maurício Cardoso, Getúlio Vargas, entre outros tornaram-se redatores de *O Debate*. Este, por sua vez, foi dirigido por Paim Filho e João Neves, porém não resistiu ao final

administrado pelo Partido Republicano (GRIJÓ, 1998). Ainda segundo Grijó (1998, p. 110), “o jornal *O Debate* era graficamente idêntico ao jornal *A Federação*” e oportunizou que esses filhos de líderes republicanos fossem reconhecidos no âmbito estadual, legitimando sua herança.

Uma vez formados, esses jovens de origens sociais ligadas ao mundo da estância (exceto Lindolfo Collor, de origem alemã e atrelado aos meios literários e jornalísticos) retornaram aos seus municípios de origem, onde abriram seus negócios e aos poucos integraram a política partidária (GRIJÓ, 1998). Neste sentido, a trajetória literária de Rodrigo Terra Cambará ganha aporte histórico, embora sua atuação seja no contexto eleitoral federal de 1910 e a favor do candidato civilista Rui Barbosa, em detrimento do candidato apoiado pelo PRR, Hermes da Fonseca.

Nascido em 1885, Rodrigo Terra Cambará é o bisneto do homônimo Capitão Rodrigo Cambará e de Bibiana Terra, duas das personagens mais emblemáticas da obra de Erico Verissimo (Imagem 3). O primeiro devido ao seu tipo idealizado de portador da legítima identidade sulina, enraizado na literatura regionalista e no imaginário popular como o bravo monarca das coxilhas e o valoroso centauro dos pampas, afoito por guerras, farras e mulheres. Bibiana, por sua vez, representa a continuidade da história por meio da memória que aprisiona e mantém vivo o capitão Rodrigo. Além disso, sua personalidade reflete uma mulher forte e determinada, dotada de uma força de vontade e astúcia maior que a dos homens que veem, na guerra, a solução para seus conflitos políticos e emocionais. No caso específico da personagem, seu objetivo é retomar o antigo rancho de seus pais, onde foi erguido o icônico Sobrado (PESAVENTO, 2001).

do conflito eleitoral, bem como o Bloco Acadêmico, devido às férias escolares e à dispersão de seus componentes (GRIJÓ, 1998).

homem que a adotou e criou como se fosse sua neta e do qual pouco se sabe. Por certo, sabe-se apenas que ele veio do nordeste brasileiro a Santa Fé e praticava agiotagem, tomando as posses de Pedro Terra e erguendo o Sobrado no local em que Pedro vivera com a família. Do casamento, nasceu o republicano e abolicionista convicto Licurgo Cambará, pai dos irmãos Toríbio e Rodrigo. Fascinado pelos discursos de Castilhos na imprensa, ele fundou em 1883 o Clube Republicano de Santa Fé junto com seu amigo Toríbio Rezende (posteriormente, um dissidente do PRR, como já referido), advogado baiano formado pela Faculdade de Direito de São Paulo.

O destaque para essas ações explica a postura adotada nos episódios já abordados durante a Revolução Federalista e a trajetória republicana da família Terra Cambará. A família prosperou após a consolidação de Júlio de Castilhos e do Partido Republicano Rio-grandense no poder, legando recursos econômicos e relações sociais aos seus pares, possibilitando o acesso à educação básica e superior (GRIJÓ, 1998).

Contudo, a militância estudantil de Rodrigo não fica clara no contexto das eleições estaduais de 1907, o que impossibilita discorrer sobre sua participação efetiva na defesa da candidatura de Carlos Barbosa e no apoio incondicional ao PRR, bem como reivindicar seu lugar no Bloco Acadêmico Castilhista. Todavia, no contexto das eleições federais de 1910, esses elementos florescem e integram sua personalidade no restante da obra, marcando sua carreira política. A personagem faz questão de afirmar para a Intendência de Santa Fé – representação da situação política e alinhada ao marechal Hermes da Fonseca – que, no Sobrado, “todos são civilistas”. O diálogo entre Toríbio e Licurgo ilustra essa situação e confirma as palavras de Florêncio (capítulo 4.1):

- Como o mundo dá voltas! – riu Toríbio. – O senhor vai votar no candidato dos maragatos [Rui Barbosa], hein, papai?

Dando mostras de não ter gostado da observação brincalhona do filho, Licurgo sacudiu a cabeça, protestando:

- Não senhor! Os maragatos é que vão votar no meu candidato (VERISSIMO, 2017, p. 93).

Com o intuito de confrontar Titi Trindade, intendente municipal e a representação local de Borges de Medeiros, Rodrigo e Licurgo fundaram *A Farpa*, jornal de oposição ao órgão responsável pela propaganda situacionista, *A Voz da Serra*. Em sua primeira edição, repreende “o malacara cínico, empoleirado na cadeira de intendente, como um reizinho num trono, César de paródia, Napoleão de opereta.” (VERISSIMO, 2017, p. 219). Como resposta, os moradores do sobrado leram:

De onde partem as pedradas traiçoeiras que pretendem atingir o honrado governo deste município? De alguma casa que não tenha telhado de vidro? Não. Elas partem duma casa vulnerabilíssima, do Sobrado dos Cambarás, sepulcro caiado, mansão do vício, da iniquidade, da desídia e da podridão. [...] Decerto tudo isso é para as orgias do Sobrado, em que tomam parte ele, o pai, o irmão e outros cafajestes que infestam a nossa cidade (VERISSIMO, 2017, p. 241 – 242).

Essas passagens literárias evidenciam a utilização dos veículos de comunicação e a importância dos jornais como instrumentos de propaganda política. À medida que o contexto eleitoral confirma a História com a vitória do marechal Hermes da Fonseca, a tensão em Santa Fé cresceu ao ponto de Erico Verissimo precisar situar Pinheiro Machado, “de botas, bombachas, casaco de casimira escura, chapéu de feltro negro, e um pala de seda enrolado no pescoço e atirado por cima do ombro” na cidade para evitar a eclosão de um conflito armado. O “Condestável da República” revela que esteve a par das discussões, a qual chamou de “tricas municipais” e veio com o propósito de cessá-las, afirmando que “nesta hora, qualquer divisão do partido só poderá ajudar nossos inimigos” (VERISSIMO, 2017).

Grijó (1998, p. 52) destaca que Pinheiro Machado ocupava a posição de mediador entre os líderes do governo – Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros – e o governo federal, “mas sem deixar de manter e reforçar suas ‘bases’ locais, tanto em seu município quanto no Estado como um todo, empreendendo viagens constantes ao Rio Grande do Sul”. Legitimando essa questão, sua presença em Santa Fé não parece absurda, tanto que a representatividade do senador fica registrada por Erico Verissimo em uma breve passagem literária, já nos instantes finais de sua última visita à cidade, onde:

Rodrigo sentiu um contentamento de namorado quando Pinheiro Machado pôs-lhe a mão no ombro, já com uma intimidade de velho amigo.

- Vamos, Rodrigo, quero que me acompanhes até a casa do Joca Prates. Não tenhas receio, o Trindade não estará lá e, se estiver, dou-te a minha palavra como não te forçarei a uma reconciliação com ele.

Foi com uma exaltada sensação de orgulho que Rodrigo saiu a caminhar pela rua do Comércio ao lado de Pinheiro Machado.

- Vou conversar com o doutor Borges de Medeiros a teu respeito – prometeu o senador. – Vejo em ti um bom corte de deputado. É só questão de tempo. Estás moço ainda. Mas... digamos, daqui a uns quatro ou cinco anos, quem sabe? Deixa que esses petiços de fôlego curto fiquem correndo carreira nestas canchas municipais. Tu és parreheiro que merece tomar parte em páreos mais importantes (VERISSIMO, 2017, p. 358).

Notamos que o senador deixava subentendido o desconhecimento de Borges de Medeiros sobre a figura de Rodrigo, fato que o afasta ainda mais de Vargas, João Neves, Paim Filho, Oswaldo Aranha e Flores da Cunha na posição de militante do Bloco Acadêmico Castilhistas e da “geração de 1907”. Entretanto, Pinheiro Machado estabilizou as animosidades políticas e inseriu aos poucos a figura do Doutor Rodrigo no cenário político estadual como herdeiro das tradições republicanas, tal qual as referidas personalidades históricas.

5. AS TENSÕES NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO DE 1923

A trajetória política de Rodrigo Cambará inicia no segundo livro (*O Retrato*) e desenvolve-se em todos os demais capítulos do terceiro livro (*O Arquipélago*), até o momento derradeiro da trilogia, marcando o final e o início da obra em uma conjuntura cíclica. Para além da trama literária, convém destacar os episódios políticos que culminam na Revolução de 1923, finalizando nosso olhar sobre o Rio Grande do Sul por meio de uma abordagem histórica e literária (romance histórico), destacando o diálogo entre ambas as vertentes na condução dos eventos fictícios.

O *Arquipélago* narra, no contexto da Revolução de 1923, a cisão da tradicional família Terra Cambará com o Partido Republicano Rio-grandense. Há muito tempo, descontentes com os rumos tomados pelo PRR na condução da situação estadual, os Cambará servem como um retrato das oligarquias dissidentes do Partido, com reivindicações que buscam uma melhoria no

quadro econômico que lhes diz respeito, sem abraçar outras camadas da sociedade.

Erico Verissimo narra de maneira gradual as dissidências do Partido confirmando o autoritarismo do PRR, personificado em figuras históricas como Borges de Medeiros e sua rede de apoiadores. Cada vez mais no campo literário e histórico, o Chimango²² perde prestígio dentre as oligarquias. A figura de Joaquim Francisco de Assis Brasil – dissidente histórico do PRR – emerge definitivamente na oposição. Dessa forma, o diálogo entre os irmãos Cambará, Toríbio e Rodrigo sobre Assis Brasil em Verissimo (2018, p. 84-85) reflete o cenário político e de crise agropastoril, bem como apresenta uma visão sobre a personalidade do histórico personagem:

- Falaste com o doutor Assis Brasil? – perguntou Rodrigo.

- Falei.

- Qual foi a tua impressão?

Toríbio fez uma careta de dúvida:

- Pois olha... O homem é simpático, limpinho, bem-educado, instruído e parece que bem-intencionado. Mas, pra te falar com franqueza, tem umas coisas que não me agradam...

- Por exemplo...

- Uns fumos de aristocrata. E me parece um pouco vaidoso, desses que não perdem ocasião de mostrar o que sabem. Ficou no Sobrado menos de uma hora e teve tempo de falar em política, de criticar o nosso sistema de criação e plantação no Angico e de nos dar lição de agricultura e pecuária... Enfim, fez um sermão que ninguém encomendou. Viu o Floriano apontando um lápis, tirou o canivete e o lápis das mãos do menino e disse, como um mestre-escola: “Não é assim que se aponta um lápis. Preste atenção no que vou fazer”. Contou depois que tinha inventado uma porteira especial, muito prática, que todo estancieiro devia usar. Não me lembro por quê, falei em cachorro e o homem me corrigiu, dizendo que eu devia dizer *cão*, pois *cachorro* é qualquer cria de leão ou onça, quando pequena. Imagina, eu dizendo *cão*!

Rodrigo sorriu.

- Estás exagerando. O homem é progressista, inteligente e culto. Não negarás que nossa agricultura muito deve aos seus ensinamentos. E depois, Bio, compara esse estadista que correu praticamente o mundo inteiro, esse homem fino e civilizado, com aquela múmia que

²² Apelido dado aos que apoiavam o governador estadual do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros. Originou-se do poema *Antônio Chimango*, de Ramiro Fortes de Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), de 1915, satirizando o governo de Borges de Medeiros (FLORES, 2001).

está no Palácio do Governo em Porto Alegre, empapado de positivismo.

- Mas já viste um gaúcho legítimo morar em castelo de pedra, como esses de romance, e falar inglês com a família na hora da comida?

Rodrigo encarou o irmão em silêncio e, ao cabo de alguns segundos, exclamou:

- Ora, vai te lixar!

Essas impressões sobre a figura de Assis Brasil em detrimento de Borges de Medeiros revelam o olhar crítico sobre os fatores de modernização do estado, não mais representados pelo PRR ou expressos na Carta Constitucionalista de 1891, como eram apontados na passagem do regime monárquico para a República. Como chefe do Partido Republicano Rio-grandense desde 1903, Borges de Medeiros era candidato à sua quinta reeleição para a presidência do estado nas eleições de 1922.

5.1 O cinamomo e a corticeira

Logo após as eleições federais de 1910, Aderbal Quadros em conversa com seu genro Rodrigo Cambará faz uma analogia entre as árvores de seu sítio e alguns dos líderes políticos do período, traçando um panorama entre a interpretação do romancista (Erico Verissimo) e o que seria verossímil quanto à opinião pública do período retratado. No contexto relativo à Revolução de 1923, suas definições servem como base para a interpretação da atuação histórica das figuras citadas neste capítulo, em específico Borges de Medeiros e Assis Brasil:

- Aquele cedro é o doutor Júlio de Castilhos. Está vendo aquela cabriúva no topo da coxilha? É o conselheiro Gaspar Martins. Lá na beira do riacho tem uma corticeira que dá uma flor mui linda, é o doutor Assis Brasil. Ando meio brigado com o doutor Borges de Medeiros, mas botei o nome dele num desses cinamomos.

Enrolou o cigarro, acendeu-o e soltou um par de baforadas. Um sorriso de malícia apertou-lhe os olhos e fez saltar os zigomas, acentuando a angulosidade do rosto.

- Aquele arvorezinha enfezada ali perto da horta (está vendo?) é o marechal Hermes. Sabe por que é que não cresce? Por causa da grande, do jacarandá, que, a bem dizer, está por cima dele. O jacarandá se chama senador Pinheiro Machado (VERISSIMO, 2017, p. 415).

Esta passagem ilustra o contexto do capítulo anterior onde se abordou a representatividade do senador José Gomes Pinheiro Machado (Jacarandá) no

contexto histórico e literário, presente nas articulações envolvendo o presidente da República Hermes da Fonseca (arvorezinha enfezada) e sua rede de apoiadores e clientes, conforme Grijó (1998). A alusão à figura de Júlio de Castilhos (cedro) como cerne do Partido Republicano Rio-grandense também é algo que merece destaque, em virtude de ser referido com prestígio no decorrer da obra. Contudo, convém salientar a caracterização de lideranças da Revolução de 1923, como a primazia por Joaquim Francisco de Assis Brasil (corticeira à beira do riacho com uma flor “mui” linda) em detrimento à insatisfação com Borges de Medeiros, nem sempre uma unanimidade (referenciado como apenas “um desses cinamomos”).

Historicamente, o contexto relativo à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) propiciou transformações socioeconômicas no Rio Grande do Sul. A produção pastoril sulina recebeu significativos investimentos tecnológicos a fim de abastecer a necessidade de carne das tropas no cenário de guerra europeu. Para tanto, a busca de créditos para o aumento da produção culminou no endividamento dos proprietários pastores e numa crise que refletiu diretamente na política estadual ao término das tensões militares na Europa, uma vez que o mercado não conseguiu ressarcir os investimentos feitos (MAESTRI, 2010).

O projeto progressista modernizador do PRR atendia às classes que emergiam na economia gaúcha, oriundas principalmente da região norte do estado. Para além da elite estancieira, deixada em segundo plano e sofrendo com taxações, outros setores importantes da sociedade gaúcha encontravam-se descontentes com a política econômica do estado, a qual precipitara a crise econômica refletindo também no movimento operário e estudantil (LEÃO, 2010).

A redução da força política de Antônio Augusto Borges de Medeiros deu-se em torno desse cenário de crise agropastoril e do longo tempo em que ocupou a liderança política do estado e do PRR, baseado na Carta Constitucionalista redigida por Castilhos em 1891 e endossado pelo Positivismo. O arrefecimento dessa força abriu espaço para o aparecimento de novos políticos republicanos, portadores de visões diferenciadas em relação ao chefe do Partido e aos republicanos históricos. A própria candidatura a uma

nova reeleição – tratada como legítima e fruto dos anseios populares nas páginas de *A Federação* – fez com que surgissem novas dissidências no Partido e com que a oposição se organizasse em torno de uma candidatura consensual, chegando ao nome de Joaquim Francisco de Assis Brasil, pretendente à presidência do estado na eleição de 1922 (BALBINOT, 2010).

Neste sentido de organização da oposição ao PRR, Balbinot (2010, p. 312) destaca que:

As tratativas em torno de uma candidatura oposicionista iniciaram cedo, reunindo os três principais grupos que formavam a oposição no Rio Grande do Sul: democratas, dissidentes republicanos e federalistas que, apesar das diferenças ideológicas concernentes à política, tinham um pensamento em comum, o de evitar a quinta reeleição de Borges de Medeiros e promover a revisão da constituição do Rio Grande do Sul.

Com relação ao candidato oposicionista, Maestri (2010, p. 301) registra que:

Republicano histórico, Joaquim Francisco de Assis Brasil, então com 65 anos, propunha programa de modernização técnica da economia agropastoril que mantivesse intacta a posse monopólica da terra. Em 1894, quando vivia como diplomata na França, apoiara a fundação da Sociedade Brasileira para a Animação da Agricultura. De volta ao Rio Grande, introduziu em suas fazendas novas raças bovinas e novas técnicas agropastoris. [...]. Mais tarde, Assis Brasil fundaria a Granja de Pedras Altas²³, no município de Pinheiro Machado (ex-Cacimbinhas), na campanha, a 350 km da capital, que se propunha como exemplo vivo das suas propostas técnico-reformistas.

A escolha do dissidente histórico à frente da oposição justifica-se pelo fato dele ter sido nomeado em conjunto com Júlio de Castilhos e Ramiro Barcelos para redigir a primeira Constituição Republicana Rio-grandense, em 1891. Entretanto, por julgar o projeto exclusivo de Júlio de Castilhos e considerá-lo um misto de Positivismo e demagogia, não o assinou. A partir daquele momento, empenhou-se na busca da revisão constitucional e do vigor da ordem democrática, reconhecendo, na Carta de 1891, a legitimidade da concentração de poderes em um único Partido e responsável pelo despotismo constitucional no estado desde então (ROCHA, 1995).

²³ Em 7 de maio de 1904, Assis Brasil adquiriu o primeiro trato de terra, núcleo inicial da futura Granja de Pedras Altas. No dia 28 de junho de 1913, toda a família de Assis Brasil pernoitou, pela primeira vez, no castelo erguido no local. Em seu diário, Assis Brasil reconhece os defeitos da construção, mas demonstra sua satisfação e afirma que ela representava o maior esforço de energia de sua vida (ROCHA, 1995).

No aspecto literário, às vésperas das eleições entre Borges de Medeiros e Assis Brasil, ocorreu, por fim, a cisão da família Cambará com o Partido Republicano Rio-grandense. Em seu discurso inflamado na Assembleia dos deputados em Porto Alegre, Rodrigo retoma alguns aspectos da trajetória de sua família em meio ao curso histórico que o PRR traçou durante a República Velha gaúcha:

- Tinha eu, senhor presidente e meus colegas, tinha eu nessa época [1895] apenas nove anos de idade e, no meu espanto de criança, não podia compreender por que razão aqueles compatriotas diferentes de nós apenas na cor do lenço, cercavam nossa casa e atiravam contra nós. [...].

Os olhos de Rodrigo dirigiram-se para Getúlio Vargas. O deputado por São Borja lá estava no seu lugar, como sempre vestido com apuro, as faces escanhoadas, o bigode negro com as pontas retorcidas para cima. Sua expressão era de impassibilidade. Parecia pouco interessado no que o orador dizia.

- Mas qual foi – continuou Rodrigo – o resultado de tantos sacrifícios e renúncias, de tanto sangue generoso derramado, de tantas belas promessas e palavras? [...]. O resultado, senhores, foi esse espetáculo degradante que estamos hoje presenciando de um homem que se apega ao poder e quer fazer-se reeleger, custe o que custar, doa a quem doer!

Da bancada oposicionista partiram gritos: “Apoiado!”, “Muito bem!”. João Neves da Fontoura, deputado situacionista, ergueu-se e bradou:

- Vossa Excelência está traindo seu mandato, seu partido e seus correligionários! [...].

Rodrigo, perfilado, fazendo o possível para manter-se calmo, passava o lenço pelo rosto, sorrindo. E quando finalmente a ordem foi restabelecida, continuou:

- O homem que nos governa há tantos anos vive fechado no seu palácio, cercado de áulicos, cada vez mais distanciado do povo do Rio Grande e dos princípios do seu partido. Egocêntrico, vaidoso e prepotente, não suporta a franqueza e a crítica, e está sempre disposto a relegar ao ostracismo os seus amigos mais leais em favor daqueles que estiverem dispostos a servir-lhe de capacho, a obedecer-lhe as ordens sem discuti-las. [...].

- Essa filosofia diz basear-se na Ordem e ter por fim o Progresso. No entanto, ela gera a desordem e o desmando e faz com que o nosso estado se arraste a passos de tartaruga na senda do progresso. Essa filosofia vive a proclamar seus fins humanitários, mas o que tem feito entre nós é acobertar o banditismo, encorajar a arbitrariedade e premiar a fraude! No Rio Grande do Sul espanca-se, mata-se e degola-se em nome de Augusto Comte! [...].

- É por tudo isso, senhor presidente e meus colegas, que venho hoje aqui renunciar publicamente ao meu mandato de deputado pelo Partido Republicano Rio-Grandense e dizer, alto e bom som, que vou sair por aquela porta, de viseira erguida, exonerado de qualquer compromisso para com essa agremiação política, sair como um

homem livre, senhor de seu corpo e de seu destino. E quero também declarar perante a opinião pública de meu estado que vou colocar-me por inteiro, inteligência, fortuna, experiência, entusiasmo, a serviço da causa democrática, neste momento tão gloriosamente encarnada na figura egrégia desse republicano histórico que é o doutor Joaquim Francisco de Assis Brasil! Tenho dito (VERISSIMO, 2018, p. 108-110).

O discurso de Rodrigo reflete o contexto histórico do momento e situa a ficção em meio a outro conflito bélico no estado, com resultados determinantes ao enredo literário.

5.2 Nas coxilhas de Santa Fé e nas páginas da História: a Revolução de 1923

As eleições para a presidência do estado foram realizadas em 25 de novembro de 1922, despertando tensões até a apuração do pleito pela Comissão de Constituição de Poderes da Assembleia dos Representantes. Conforme verificado a 16 de janeiro de 1923, foram 106.360 votos para Borges de Medeiros e 32.216 para Assis Brasil, confirmando mais uma vez a vitória da situação (MAESTRI, 2010).

No romance, o escritor Erico Verissimo utiliza o doutor Rodrigo Cambará para dar voz a um fato lendário, onde o personagem narra que:

- Faz algum tempo que a Comissão de Poderes chegou à conclusão de que o doutor Borges de Medeiros não tinha obtido os três quartos da votação total que precisava para ser reeleito... O difícil era dar a notícia ao ditador. Os três membros da comissão um dia encheram-se de coragem e, com o doutor Getúlio Vargas à frente, foram ao Palácio do Governo para contar a triste história ao chefe. [...]. Quando a trinca entrou na sala, de cara fechada, o doutor Medeiros veio sorridente ao encontro deles e, antes que os seus moços tivessem tempo de dizer “Bom dia, Excelência”, adiantou-se: “Já sei! Vieram me felicitar pela minha reeleição”. *Tableau!* Os deputados se entreolharam, se acovardaram e viram que não havia outro remédio senão representar também a farsa. Voltaram para a Assembleia com o rabo entre as pernas, fecharam-se a sete chaves e trataram de fazer a alquimia de costume para não decepcionar o sátrapa (VERISSIMO, 2018, p. 246-247).

Por sua vez, o historiador Mário Maestri (2010, p. 303) discorre sobre o mesmo episódio, evidenciando o caráter mitológico do acontecimento ao abordar que:

Conta a tradição que Borges de Medeiros, ao receber no palácio Piratini os deputados republicanos estaduais encarregados de comunicar-lhe que não alcançara os votos necessários para se reeleger, não os deixara falar, agradecendo pelos cumprimentos que

teriam vindo lhe apresentar. Após serem despedidos, sem outra solução, a comissão teria se reunido novamente para manipular ainda mais as listas eleitorais. Getúlio Vargas era o relator.

Esse diálogo em torno do mesmo fato registrado tanto pela Literatura quanto pela História acrescenta positivamente no debate em torno das duas vertentes, antecedendo imediatamente o início da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Atento aos fatos do estado após a posse de Borges de Medeiros em 25 de janeiro de 1923, Assis Brasil organizava do Rio de Janeiro um Governo Provisório e uma Junta Suprema para substituir o governo borgista em caso de uma intervenção federal, sendo esta a principal esperança dos revoltosos para a deposição do Chimango em virtude da carência de arsenal e contingente militar (MAESTRI, 2010). Segundo Leão (2010, p. 359), “Borges, um político hábil, se aproximou de [Arthur] Bernardes e frustrou as expectativas de seus opositores”.

Ainda conforme Maestri (2010, p. 304), “a força bélica republicana²⁴ dissuadiu eventual disposição de intervenção federal”. Além da questão bélica, a guerra civil aprofundou ainda mais a crise econômica sulina durante os meses em que se estendeu, fazendo com que o governo federal interviesse pela pacificação. A questão militar e a crescente debilidade dos interesses pastoris refletiram na ausência de grandes batalhas e na proporção da prática da degola, ainda que houvesse registros, porém em proporções menores do que as assinaladas durante a Revolução Federalista, entre 1893 e 1895 (MAESTRI, 2010).

Como aponta Maestri (2010, p. 304), “membros da ‘geração de 1907’ – Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e Firmino Paim Filho, etc. – destacaram-se na luta armada contra as forças opositoras”. No campo literário, esse fato afasta o doutor Rodrigo ainda mais dos representantes do Bloco Acadêmico Castilhista (capítulo 4), porém a pacificação instaurada pelo general Setembrino de Carvalho²⁵ e assinada na Granja de Pedras Altas em 14 de

²⁴ Mobilizando aproximadamente 12 mil homens entre civis, voluntários e combatentes arrolados à força, as tropas legalistas eram superiores em contingente e armamento às forças insurgentes, estimadas em aproximadamente seis mil homens (MAESTRI, 2010).

²⁵ Fernando Setembrino de Carvalho era natural do Rio Grande do Sul e ligado ao PRR. Combateu os maragatos na Revolução de 1893 e o movimento do Contestado em Santa Catarina. Com a eleição de Arthur Bernardes (1922) tornou-se Ministro da Guerra (BALBINOT, 2010).

dezembro de 1923, aos poucos vai reaproximando Rodrigo Cambará dessas figuras históricas em um enredo que se estende até 1945, marcando a totalidade da obra *O tempo e o vento*.

A Coluna Revolucionária de Santa Fé, assim denominada durante o período da guerra civil de 1923, ficou perambulando pelos campos e coxilhas envolvendo-se em pequenos combates até o término do conflito, em um cenário já descrito anteriormente pelo historiador Mário Maestri (2010) e ilustrado pelo romancista Erico Verissimo (2018). As mudanças constitucionais promovidas pelo Tratado de Pedras Altas reduziram consideravelmente o poder de Borges de Medeiros à frente do estado, impossibilitando-o de reeleger-se e, indiretamente, aumentando o poder de Getúlio Vargas, sendo que ele foi indicado ao cargo de Presidente do estado no ano de 1928 (BALBINOT, 2010).

A Revolução em si no universo literário é apresentada por meio de notícias que correm veiculadas entre as mulheres do Sobrado, a população de Santa Fé e emissários das tropas revolucionárias. As notícias dão conta dos rumos da Revolução e, principalmente, dos históricos combates entre Honório Lemes e Flores da Cunha. No inverno de 1923, Licurgo Cambará, chefe da Coluna Revolucionária de Santa Fé, é ferido de morte em um combate na região, sendo transladado até os campos do Angico, de propriedade da família, mas que, naquele momento, encontrava-se sob o domínio das forças legalistas do coronel Laco Madruga, intendente municipal à época.

Formada uma pequena comitiva entre os irmãos Rodrigo e Toríbio Cambará e mais alguns voluntários partiram para sepultar o falecido líder republicano. O local escolhido – à beira de um lajeado e aos pés de uma grande corticeira – nas palavras de Verissimo (2018, p. 355), era “um sítio bonito [e] fácil de guardar na memória”. O simbolismo por trás da corticeira pode representar os significativos ganhos políticos com relação à assinatura do Tratado de Pedras Altas²⁶ por parte dos revoltosos, com a revisão da Carta Constitucional de 1891, ação tão desejada por Assis Brasil, e pela redução da

²⁶ Além da já mencionada impossibilidade de reeleição do Presidente do estado, o Tratado de Pedras Altas previa eleições também para o cargo de vice-presidente e a representação das minorias em cada distrito (BALBINOT, 2010).

força política de Borges de Medeiros, marcando a ascensão política em nível regional e nacional da segunda geração de políticos sul-rio-grandenses.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo buscou estabelecer as bases e transcender as fronteiras entre narrativas históricas e literárias a partir do cenário político traçado pelos líderes do Partido Republicano Rio-grandense à margem de duas revoluções (1893 e 1923) durante a República Velha sulina. Para tanto, o diálogo proveniente entre a obra *O tempo e o vento* e a historiografia mostrou-se profícuo, uma vez que corroborou para a maior parte dos elementos ao longo das discussões. Ao abordar o elemento literário a partir da análise historiográfica, foi possível verificar a trajetória de figuras históricas e do PRR frente aos aspectos modernizadores do Rio Grande do Sul no período que remonta à transição de um regime monárquico para a República no país.

Neste sentido, foi possível verificar a hipótese inicial de que a família Terra Cambará aproxima-se das elites estancieiras gaúchas do final do século XIX e início do século XX. Em tempo, a família ilustra a consolidação do PRR nos instantes iniciais da República e a crise do Partido, tornando-se gradativamente uma dissidência e desempenhando papéis distintos em ambos os conflitos. Além disso, geograficamente, Santa Fé estaria afastada da região de fronteira (Imagem 2) e ligada aos motes da industrialização e urbanização da região central do estado, em consonância com o discurso adotado pelo PRR e que, no romance, encontrou respaldo na atuação da família protagonista da obra e sua rede clientelística.

A trajetória do jovem doutor Rodrigo Terra Cambará em muito se aproxima da realidade experimentada por figuras históricas, representantes da segunda geração de políticos republicanos e herdeiros diretos da influência de suas famílias, em meio a um cenário dominado pelo Partido Republicano Rio-grandense, como o caso de Getúlio Dornelles Vargas e sua ascendência. Contudo, uma das hipóteses de que o mesmo doutor Rodrigo teria feito parte da chamada “geração de 1907” e do Bloco Acadêmico Castilhistas, no contexto das eleições estaduais de 1907 nos cursos superiores de Porto Alegre, não parece provável, uma vez que o início de sua atuação política seja expresso

pelas páginas do jornal *A Farpa*, já no contexto histórico da campanha civilista de Rui Barbosa (1910).

A delimitação do tema pesquisado (1893-1923), embora muito abrangente e com lacunas, fez-se necessária para esse olhar primitivo sobre o aspecto político da atuação dos líderes do Partido Republicano Rio-grandense e como suas ações históricas reverberaram no universo ficcional por meio da interpretação de Erico Verissimo sobre os fatos. A História, nesse caso, funciona com um dos elementos que servem a Literatura durante o processo criativo do romancista. Nesse sentido, destacam-se as ações e trajetórias políticas das personagens, bem como seus discursos sobre os eventos históricos em processo. As longas citações retiradas da obra de Erico Verissimo reiteram essas questões, uma vez que visam atenuar o contexto histórico aos leitores por meio da apresentação das individualidades e das emoções dos personagens, tenham eles existido de fato ou como frutos da inspiração do escritor.

Todavia, reconhece-se que tal pesquisa permanece em aberto, a fim de obter novos subsídios, levando em consideração que tanto a obra *O tempo e o vento* quanto a produção literária do romancista oferecem respostas sobre a época em que foram produzidas, relacionando-as com outros aspectos socioculturais. Para tanto, faz-se necessário o contato com um acervo mais diversificado e específico, o qual foi impossibilitado devido às circunstâncias atuais (contexto do ano letivo de 2020²⁷).

Os eventos históricos ocorridos a partir do início do século XX são ricos em detalhes, uma vez que o escritor, nascido em 1905, tenha vivenciado boa parte deles. A cronologia relacionando fatos históricos aos acontecimentos ficcionais e aos dados bibliográficos do autor em *O tempo e o vento: O Retrato* (2017) serve como embasamento, remetendo à passagem do cometa Halley

²⁷ Em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan, na China, e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida entre as pessoas. Por ter atingido uma escala global, este fato qualificou-se como uma pandemia, ainda em curso (dezembro de 2020). Isso gerou algumas reações práticas de controle ao contágio, incluindo a migração das aulas presenciais para o módulo remoto. O deslocamento de pessoas foi alterado e tornou-se prudente não efetuar viagens ou visitas de extrema necessidade. Assim, a previsão de pesquisas em acervos em Porto Alegre e Cruz Alta (RS) foram canceladas.

(1910) sobre uma fábrica de massas alimentícias e contemplado pelos olhos do menino Erico Verissimo, então com cinco anos de idade. O presságio ou a anunciação do “fim do mundo”, sentimento popular integrado ao imaginário acerca do cometa, encontra um terreno fértil no enredo criado pelo romancista, evidenciando a questão.

Por fim e como já mencionado anteriormente, o universo ficcional conciso com o processo histórico faz da obra um documento passível de diversas apreciações, muitas das quais relacionadas à figura do escritor, um indivíduo de classe média urbana do século XX, dotado de costumes e práticas sociais que vez ou outra refletem – propositalmente ou não – em suas obras na forma de elementos do cotidiano ou da vida privada das personagens. Em uma obra como *O tempo e o vento*, que faz dialogar História e Literatura por aproximadamente duzentos anos, em um contexto fidedigno com o traçado pela historiografia recente, perceber esses elementos faz-se fundamental para a interpretação do momento em que é escrita e situada, legando novas ponderações de acordo com as propostas assinaladas pelo pesquisador.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 19-100.

BAKOS, Margaret (Org.). **Júlio de Castilhos: positivismo, abolição e república**. *In: _____*. **Júlio de Castilhos: positivismo, abolição e república**. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 2006. p. 9–44.

BALBINOT, Jonas. **Relações de poder: a mudança de rumo na política gaúcha (1922-1928)**. *In: HEINSFELD, Adelar [et al.]*. **Fazendo história regional: política e cultura**. Passo Fundo, RS: Méritos, 2010. p. 307–331.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro**. *In: BURKE, Peter (org.)*. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 2011. p. 7–38.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 2010.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. 2ª Ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.

GONÇALVEZ, Robson Pereira. **No galope do tempo**. *In: GONÇALVEZ, Robson Pereira (org.)*. **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 9-20.

GONZAGA, Sergius. **Manual de literatura brasileira**. 15ª Ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1998. p. 210–236.

LEÃO, Lúcio Antonio. **Identidade regional e disputas de poder: o ano de 1923 no Rio Grande do Sul**. *In: HEINSFELD, Adelar et al.* **Política e cultura**. Passo Fundo, RS: Méritos, 2010. p. 351-363.

MAESTRI, Mário. **O Rio Grande do Sul, o tenentismo e a rebelião de 1923**. *In: MAESTRI, Mário*. **Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 296-308.

PESAVENTO, Sandra. **A memória da terra**: missão feminina. *In*: PESAVENTO, Sandra *et al.* **Erico Verissimo**: o romance da história. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 2001. p. 185-197.

_____. **A Revolução Federalista**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

_____. **Fronteiras da Ficção**: Diálogos entre História e Literatura. *In*: **Universidade de Coimbra**, v. 21, 2000. p. 33-57.

ROCHA, Artheniza Weinmann [et al.]. **J. F. de Assis Brasil**: interpretações. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 1995.

SANTOS, Pedro Brum. **O tempo e o vento como romance histórico**. *In*: GONÇALVEZ, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento**: 50 anos. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 105-116.

VERISSIMO, Erico. O Sobrado. *In*: **O tempo e o vento**: O Continente. 4ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

_____. **O tempo e o vento**: O Arquipélago. 4ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O tempo e o vento**: O Retrato. 4ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3ª Ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1992.

_____. **O tempo e o vento**: História, Mito, Literatura. *In*: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (Orgs.): **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998. p. 135-158.

_____. **Saga familiar e história política**. *In*: GONÇALVEZ, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento**: 50 anos. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 25-44.

FONTES ELETRÔNICAS

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998. <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170738>> Acesso em: out 2020.

WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Curitiba, PR: Revista Letras – ISSN 0100-0888 (versão impressa) e 2236-0999 (versão eletrônica), 1994. p. 49-59. <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19095>> Acesso em: 11 jun 2020.

ANEXO 1

HISTÓRIA	LITERATURA	ERICO VERISSIMO
1893: Castilhos volta ao poder e os federalistas se revoltam. No Uruguai, reúnem-se e organizam tropas para adentrar em território brasileiro.		
1894: Em 10 de agosto, morre o caudilho maragato Gumercindo Saraiva, depois do combate de Carovi.		
1895: O contra-almirante Saldanha da Gama reúne-se aos maragatos, no Rio Grande do Sul. No dia de sua morte, inicia-se a ação que abre "O Sobrado". Em 23 de agosto as facções assinam a paz, em Pelotas.	Em 24 de junho inicia-se a ação de "O Sobrado".	
1897: Guerra de Canudos. O Exército e tropas das polícias estaduais massacram os sertanejos.		
1898: Borges de Medeiros assume pela primeira vez o governo do Rio Grande do Sul.	Morte de Alice Terra Cambará, mãe de Rodrigo e Toríbio.	
1903: Júlio de Castilhos morre em Porto Alegre, durante operação na garganta.		
1905:		Em 17 de dezembro, na cidade de Cruz Alta, nasce Erico Lopes Verissimo.
1909:	Em 20 de dezembro, Rodrigo Terra Cambará, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, chega a Santa Fé.	Erico fica gravemente doente e chega a ser desenganado pelos médicos. Mas salva-se graças ao tratamento do dr. Olinto de Oliveira.
1910: Pinheiro Machado articula a candidatura de Hermes da Fonseca para a presidência da República. Contra essa candidatura, Rui Barbosa arma a campanha civilista, de grande repercussão.	Dr. Rodrigo começa a exercer a profissão ao abrir a Farmácia popular e o consultório. Em 12 de maio, Rodrigo oficializa o noivado com Flora Quadros. Aparição do cometa Halley. O senador Pinheiro Machado visita Santa Fé e fala do futuro político de Rodrigo. Em outubro e novembro, o artista espanhol anarquista Don Pepe García pinta o Retrato.	O menino Erico Verissimo, com 5 anos, fica a espiar da janela da sua casa o cometa Halley, que Luzia no céu sobre uma fábrica de massas alimentícias, "anunciando o fim do mundo".
1912:		Erico Verissimo frequenta, simultaneamente, o Colégio Elementar Venâncio Aires e a aula particular da professora Margarida Pardelhas, na cidade de Cruz Alta.

<p>1913: Borges de Medeiros assume mais um mandato do governo do Rio Grande do Sul.</p>		
<p>1915: Pinheiro Machado articula a candidatura de Hermes da Fonseca para o Senado do Rio Grande do Sul. Em 14 de julho há um grande comício em Porto Alegre, contra a candidatura de Hermes e que culminou na repressão da Brigada Militar, deixando cinco mortos e dezenas de feridos. Em 8 de setembro o senador Pinheiro Machado é assassinado no Rio de Janeiro. O assassino se justifica apelando para os acontecimentos de 14 de julho em Porto Alegre</p>	<p>Em maio, uma família de músicos austríacos chega a Santa Fé. A guerra na Europa impede o retorno dos estrangeiros à Áustria. Rodrigo apaixona-se por Toni Weber e os dois iniciam um romance.</p>	
<p>1917: Na Europa, levantes de soldados e marinheiros do Exército alemão forçam a Alemanha a pedir armistício. A paz logo é assinada e funda-se a Liga das Nações Unidas. No Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros é reeleito para mais um mandato.</p>		<p>Erico Verissimo vai para o internato do Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre.</p>
<p>1922: No Rio Grande do Sul, para as eleições do governo estadual, o Partido Federalista e os dissidentes do Partido Republicano fundam a Aliança Libertadora e lançam a candidatura de Joaquim Francisco Assis Brasil. Em meio a acusações de fraude, Borges de Medeiros vence as eleições.</p>	<p>Em fim de outubro, Licurgo afasta-se do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) por não concordar com a política de Borges de Medeiros para os municípios. Rodrigo renuncia ao cargo de deputado estadual pelo PRR e participa ativamente da campanha oposicionista.</p>	<p>Em dezembro, Erico vai passar as férias em Cruz Alta, mas com a separação dos pais não volta ao colégio. Começa a trabalhar no armazém do tio.</p>
<p>1923: Inconformados, federalistas e dissidentes republicanos começam uma rebelião armada que se expande por todo o estado. Em 14 de dezembro a paz definitiva é selada com o acordo conhecido como Pacto de Pedras Altas, no castelo de Assis Brasil.</p>	<p>Licurgo, Rodrigo e Toríbio organizam a Coluna Revolucionária de Santa Fé e partem para o interior do município e adjacências. Com o acordo de paz, Rodrigo e Toríbio voltam ao Sobrado.</p>	<p>Alguns tios e pelo menos um primo de Erico se engajam no conflito, do lado dos federalistas.</p>

ANEXO 1 – Cronologia relacionando fatos históricos, elementos ficcionais e dados biográficos do escritor Erico Verissimo.

Fonte: Adaptado de Verissimo (2013; 2017; 2018).